

**Agatha Christie**

# OS TRÊS RATOS CEGOS E OUTRAS HISTÓRIAS

The three blind mice and Other stories (1950)



OS TRÊS RATOS CEGOS.....	2
ESTRANHA CHARADA.....	63
O CRIME DA FITA MÉTRICA.....	74
O CASO DA EMPREGADA PERFEITA.....	86
O EPISÓDIO DA CASEIRA.....	98
OS DETETIVES DO AMOR.....	110
O SINAL VERMELHO.....	130
O QUARTO HOMEM.....	149
O RÁDIO.....	165
TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO.....	178
O MISTÉRIO DO VASO AZUL.....	198
A ÚLTIMA SESSÃO.....	217
S. O. S.....	231

## OS TRÊS RATOS CEGOS

*Três Ratos Cegos*

*Três Ratos Cegos*

*Vejam como correm*

*Vejam como correm*

*Todos correram atrás da mulher do fazendeiro*

*Ela cortou o rabo deles com um trinchante*

*Vocês nunca viram na vida coisa igual*

Estava muito frio. O céu, cinzento e carregado de neve ainda por cair.

Um homem metido num sobretudo escuro, o cachecol em volta do rosto e o chapéu puxado sobre os olhos, desceu Culver Street e subiu as escadas do número 74. Apertou a campainha e ouviu-a tocar no subsolo.

A Sra. Casey, as mãos ocupadas com louças na pia, disse, ríspida:

— Droga de campainha. Nunca a gente tem paz. Ofegando um pouco, ela subiu as escadas e abriu a porta.

O homem, cuja silhueta se recortava contra o céu, perguntou num sussurro:

— Sra. Lyon?

— Segundo andar — disse a Sra. Casey. — Pode subir. Ela está esperando?

O homem balançou a cabeça, devagar.

— Bem, pode subir e bater.

Ela o observou enquanto subia a escada forrada de tapetes surrados. Depois ela disse que ele "lhe dera uma impressão estranha". Mas, na verdade, só pensara que ele devia estar horrivelmente resfriado para sussurrar assim. Também, com um tempo desses...

Quando chegou à curva da escada começou a assoviar baixinho. A música era Os Três Ratos Cegos.

Molly Davis deu um passo atrás na calçada e olhou para o cartaz recém-pintado, perto do portão.

Monkswell Manor  
Pensão

Com um movimento de cabeça expressou sua aprovação. Parecia, realmente parecia, bastante profissional. Ou, talvez, podia-se dizer, quase profissional. O S de Pensão ficara um pouco acima da linha e o fim de Manor estava um pouco juntinho demais, porém, no todo, Giles tinha feito um bellissimo trabalho. Giles era mesmo muito inteligente. Sabia fazer tantas coisas. Sempre descobria coisas novas sobre seu marido. Ele havia falado tão pouco sobre si mesmo que só aos poucos lhe ia descobrindo os vários dotes. Um ex-marinheiro era sempre um homem prático, é o que dizem.

Bom, Giles iria necessitar de todos os talentos neste novo empreendimento. Eram totalmente crus na tarefa de administrar uma pensão. Mas seria bem divertido. E resolvia o problema de habitação.

Foi idéia de Molly. Quando tia Katherine morreu, e os advogados escreveram para ela comunicando-lhe que herdara Monkswell Manor, a reação natural do jovem casal foi a de vendê-la. Giles lhe perguntara: — Como é a casa? E Molly respondeu: — Ah, é uma casa grande e antiga, cheia de sufocantes e antigas mobílias vitorianas. Tinha um jardim bonito, mas muito mal cuidado desde a guerra, pois só restou um velho jardineiro.

Então decidiram colocar a casa à venda e só conservar alguns móveis para mobiliar um pequeno apartamento ou uma casinha para eles.

Mas logo apareceram duas dificuldades: primeiro, não encontravam nem casinha nem apartamento pequeno e, em segundo lugar, todos os móveis eram enormes.

— Bom — disse Molly —, temos que vender tudo. Acha que alguém compra?

O advogado assegurou-lhes que se vende qualquer coisa hoje em dia.

— Com toda a certeza — disse ele —, alguém irá comprá-la para usar como hotel ou pensão, e assim irá gostar de comprá-la com toda a mobília. Felizmente a casa está em muito bom estado. A falecida Srta. Emory fez várias reformas e modernizações antes da guerra, e houve muito poucos estragos. Ah, sim, está em muito bom estado.

E foi aí que Molly teve a idéia:

— Giles — disse ela —, por que não a dirigimos como pensão? A princípio o marido achara a idéia absurda, mas Molly insistiu.

— Não precisamos hospedar muita gente, pelo menos no começo. É uma casa fácil de se dirigir — tem água quente e fria nos quartos, aquecimento central e fogão a gás. E podemos ter galinhas, patos, nossos próprios ovos e vegetais.

— Quem faria todo o serviço — não é difícil encontrar empregados?

— Más faríamos o serviço. Em qualquer lugar que morássemos, teríamos que fazer isso. Algumas poucas pessoas a mais não justificariam empregados. Depois arranjaríamos alguém, quando já estivéssemos estabelecidos. Com cinco pessoas, cada uma pagando sete guinéus por semana — Molly partiu para os reinos, um tanto otimista, da aritmética.

— E pense, Giles — concluiu —, seria nossa própria casa. Com nossas coisas. Do jeito que vai, parece que levaremos anos até encontrarmos um lugar para morar.

Isso, admitiu Giles, era verdade. Tiveram tão pouco tempo juntos depois do apressado casamento que ambos desejavam um lugar para morar.

E então passaram das palavras à ação. Colocaram anúncios nos jornais locais e no Times e receberam várias respostas.

E agora, hoje, o primeiro dos hóspedes estava para chegar.

Giles havia saído cedo para comprar uma cerca de arame que estava em liquidação, do outro lado da cidade. Molly teve necessidade de andar até a aldeia para fazer as últimas compras.

O único toque ruim era o tempo. Nos últimos dois dias, o frio era intenso e agora começava a nevar. Molly apressou-se, grossos e fofos flocos de neve caindo-lhe sobre a capa à prova d'água e os brilhantes cabelos encacheados. A previsão do tempo não era nada animadora. Devia-se esperar uma grande nevasca.

Ela tinha esperança de que a água não congelasse nos canos. Seria péssimo se tudo saísse errado logo quando estavam começando. Olhou para o relógio; já passava da hora do chá. Será que Giles já tinha voltado? Estaria imaginando onde ela se encontrava?

— Tive que ir até à aldeia de novo comprar algumas coisas de última hora — ela diria. Ele iria rir e perguntar: — Mais latas?

Os enlatados eram uma piada deles. Estavam sempre comprando alguns. A despensa apresentava um farto estoque para os casos de

emergência.

E, pensou Molly, fazendo uma careta ao olhar para o céu, as emergências não tardariam a aparecer.

A casa estava vazia. Giles ainda não voltara. Molly foi primeiro à cozinha, e depois subiu para fazer a inspeção dos quartos recém-preparados. A Sra. Boyle no quarto sul, o de mobília de mogno e cama de quatro colunas. Major Metcalf no quarto azul com a de carvalho. Sr. Wren no quarto leste com a janela de sacada. Todos os quartos estavam muito bem arrumados e era uma bênção Tia Katherine ter um estoque esplêndido de lençóis. Molly deu uma esticadela na colcha e desceu de novo. Escurecia. De repente a casa caiu no silêncio e no vazio. Era uma casa solitária a quatro quilômetros de uma aldeia e, como dizia Molly, a quatro quilômetros do nada.

Já ficara sozinha muitas vezes antes, mas nunca estivera tão consciente desse fato.

Rajadas macias de neve batiam contra a vidraça. Fazia um barulho sussurrante, incômodo. E se Giles não conseguisse voltar — se a neve estivesse tão grossa que o carro não passasse? E se tivesse que ficar sozinha aqui — sozinha por dias, talvez?

Ela olhou a cozinha; grande, confortável, pedia uma cozinheira também grande e confortadora presidindo a mesa, os maxilares movendo-se ritmicamente enquanto comia açúcar-cande e bebia chá preto; esta seria ladeada por uma arrumadeira alta, de meia-idade e por uma governanta rechonchuda e corada, uma cozinheira no outro extremo da mesa observando os superiores com olhos assustados. E, em vez disso, só havia, ela, Molly Davis, desempenhando um papel que não lhe parecia muito natural. Toda sua vida, no momento, parecia irreal — Giles parecia irreal. Ela desempenhava um papel — era só isso.

Uma sombra passou pela janela e ela pulou; um estranho aproximava-se. Ela ouvia os rangidos da porta lateral. E o estranho ficou lá, na soleira da porta, sacudindo-se para tirar a neve, um homem estranho entrando na casa vazia.

E então, de repente, a ilusão desapareceu.

— Oh, Giles — exclamou ela —, ainda bem que chegou!

— Alô, querida! Que tempo horrível! Meu Deus, estou congelado.

Ele bateu os pés e bafejou para aquecer as mãos.

Num gesto automático, Molly apanhou o casaco que ele jogara sobre a arca, muito ao seu estilo. Pendurou-o no cabide tirando, antes, dos bolsos cheios, um cachecol, um jornal, um rolo de barbante e a correspondência da manhã que enfiara no bolso toda misturada. Dirigindo-se para a cozinha, ela colocou os artigos sobre o aparador e, em seguida, a chaleira no fogo.

— Conseguiu o arame? — perguntou ela. — Você demorou séculos.

— Não era do tipo exato. Não iria servir. Fui a outra loja, mas o que tinha lá não servia também. E você, o que fez? Ninguém apareceu ainda, não é?

— A Sra. Boyle só vem amanhã.

— O Major Metcalf e o Sr. Wren devem chegar hoje.

— O major mandou um cartão dizendo que só chegaria aqui amanhã.

— Assim, jantamos nós e o Sr. Wren. Como você acha que ele é? Na minha opinião, o protótipo do funcionário público aposentado.

— Não, acho que é um artista.

— Neste caso — disse Giles —, é melhor cobrarmos uma semana de aluguel adiantado.

— Ah, não, Giles, eles estão trazendo bagagem. Se não pagarem, reteremos as malas.

— E se nas malas só tiver um monte de pedras enrolado em jornal? A verdade, Molly, é que não temos a mínima idéia do que vamos enfrentar neste tipo de negócio. Tomara que não reparem que estamos iniciando.

— Com certeza a Sra. Boyle vai notar — disse Molly. — Ela é deste tipo.

— Como você sabe? Nunca a viu, já?

Molly voltou-se. Abriu um jornal sobre a mesa, apanhou um pouco de queijo e preparou-se para ralá-lo.

— O que é isso? — perguntou o marido.

— Torradas ao forno — Molly informou-lhe. — Farelos de pão, batatas, purê de batatas, e um tiquinho de queijo, só para justificar o nome.

— Que cozinheira esperta! — disse o marido com admiração.

— Fico pensando que posso fazer uma coisa de cada vez. Quando

junta tudo é que é preciso prática. O café da manhã é o pior.

— Por quê?

— Porque tudo acontece ao mesmo tempo — ovos, bacon, leite quente, café e torradas. Ou o leite entorna, ou a torrada queima, ou o bacon fica todo encrespado ou então os ovos ficam duros. A gente tem que ficar ativa como gato escaldado, observando tudo ao mesmo tempo.

— Amanhã de manhã, tenho que entrar de mansinho, sem que ninguém me veja, para assistir a essa personificação do gato escaldado.

— A chaleira está fervendo — disse Molly. — Vamos levar a bandeja para o escritório e ouvir o rádio? Está quase na hora do noticiário.

— Já que vamos passar a maior parte do tempo na cozinha, era melhor colocar um rádio lá, também.

— É mesmo. Como são bonitas as cozinhas. Eu adoro essa. Acho que é, de longe, o lugar mais bonito da casa. Gosto do aparador e das prateleiras, e simplesmente adoro esta sensação de exuberância que uma cozinha enorme me dá, embora, é claro, esteja muito contente por não ter que cozinhar nela.

— Aposto que as provisões de combustível para o ano se gastariam em um dia.

— Com toda a certeza. Mas pense bem nas carnes que deviam assar aqui: filé mignon, coxas de carneiro. Potes colossais de geléia de morango feita em casa com quilos e quilos de açúcar. Deve ter sido adorável a Era Vitoriana. E a mobília lá de cima, grande, sólida, toda enfeitada, mas, ah!, que conforto e quanto espaço para guardar as roupas, e cada gaveta abrindo e fechando sem emperrar.

Lembra-se daquele lindo apartamento, todo moderno, que íamos alugar? Era tudo embutido e corrediço, só que nada corria, sempre emperrava. Para fechar as portas, tinha-se de empurrá-las, mas nunca ficavam fechadas e, quando fechavam não se conseguia abri-las.

— Isto é que é o pior desses inventos. Se não funcionam, você está perdido.

— Bom, venha, vamos ouvir as notícias.

O noticiário consistia, principalmente, em assustadoras previsões do tempo, o habitual impasse nas negociações com o exterior, ardorosas discussões no parlamento e um assassinato na Culver Street, Paddington.

— Nossa — disse Molly desligando o rádio. — Só notícias ruins. E não vou ficar ouvindo apelos para que se economize combustível. O que eles querem que se faça, sentar e congelar? Acho que não devíamos ter começado a pensão no inverno. Devíamos ter esperado até a primavera. — Depois acrescentou num tom de voz diferente: — Como era esta mulher, a que foi assassinada?

— Sra. Lyon?

— Como é o nome dela? Fico pensando em quem a quis matar e por quê.

— Talvez guardasse uma fortuna debaixo do colchão.

— Quando se diz que a polícia está ansiosa para fazer perguntas a um homem que foi visto nas vizinhanças, quer dizer que ele é o assassino?

— Geralmente é assim. Só um modo delicado de dizer as coisas.

O som estridente da campainha fez com que ambos se levantassem de um salto.

— É a porta da frente — disse Giles. — Entra um assassino — acrescentou, brincalhão.

— Seria, numa peça de teatro. Depressa. Deve ser o Sr. Wren. Agora vamos ver quem está certo sobre ele, se você ou eu.

O Sr. Wren e uma rajada de neve entraram juntos, de supetão. Tudo o que Molly pôde ver da porta da biblioteca era a silhueta do recém-chegado contrastando com o mundo branco lá de fora.

Como se pareciam, pensou Molly, os homens com este uniforme de civilização: sobretudo escuro, chapéu cinza, cachecol em volta do pescoço.

Pouco depois, Giles fechava a porta contra os elementos. O Sr. Wren desenrolava o cachecol, descansava no chão a maleta e tirava o chapéu — tudo, parecia, ao mesmo tempo, e também falava. O tom de voz era alto, quase que lamurioso, e, à luz “do vestíbulo, revelou ser um homem jovem, de claros cabelos emaranhados, e olhos pálidos, inquietos”.

— Medonho, medonho — dizia ele. — O pior do inverno inglês — uma reversão a Dickens — Scrooge e Tiny Tim e tudo o mais. A pessoa tem que ser muito saudável para agüentar isso tudo. Não acha? E fiz uma viagem horrível do País de Gales até aqui. É a Sra. Davis? Mas que prazer! — Mãos fortes e ossudas apertaram a de Molly- — Completamente diferente da idéia que fazia



da senhora. Pensava que fosse a viúva de um general do exército indiano. Terrivelmente feia e Mem-sahibish<sup>1</sup> e bibelô de Varanasi — um bibelô da Era Vitoriana. Adorável, simplesmente adorável. Tem flores de cera? Ou pássaros do paraíso? Mas eu vou amar este lugar. Pensei que fosse estilo Velho Mundo — muito, muito casa Senhorial sem o brasão de Benares, quero dizer. Em vez disso, é maravilhosa — austeridade da Era Vitoriana. Por acaso vocês têm daqueles bufês lindos — de mogno avermelhado, com grandes frutas incrustadas?

— Para falar a verdade — disse Molly um tanto sem fôlego sob esta torrente de palavras —, nós temos.

— Não! Posso vê-lo? Aqui mesmo?

Sua agilidade chegava a ser desconcertante. Ele havia girado a maçaneta da sala de jantar, e acendido a luz. Molly entrou atrás dele, ciente do perfil de Giles, desaprovador, à sua esquerda.

Sr. Wren passou os longos e ossudos dedos pelos entalhes do maciço bufê, soltando pequenos gritos de elogio. E então lançou um olhar de reprovação à dona da casa.

— E a mesa de jantar? Por que não é daquelas grandes de mogno? Por que todas essas mesinhas espalhadas?

— Pensamos que as pessoas preferissem assim — disse Molly.

— Querida, é claro que está certíssima. Meu gosto por essa época me influenciou. É claro que, se tivesse a mesa, teria que ter a família certa em volta dela. Um pai severo, bonito, de barba — a mãe fértil e apagada — onze filhos, uma governanta feia e alguém chamado "pobre Harriet" — o parente pobre — que age como conselheira e é muito, muito grata por lhe darem uma boa casa. Olhe para a lareira — pense nas labaredas subindo pela chaminé e fustigando as costas da pobre Harriet.

— Vou levar sua bagagem para cima — disse Giles. — Quarto leste?

— É — disse Molly.

Sr. Wren já estava de novo no vestibulo, enquanto Giles subia as escadas.

— Tem uma cama de quatro colunas com pequenas rosas de chintz?

---

<sup>1</sup> N.T.: Forma de tratamento dada às mulheres europeias na Índia.

— perguntou ele.

— Não, não tem — disse Giles, que desapareceu na curva da escada.

— Acho que seu marido não vai gostar de mim — disse o Sr. Wren. — Onde ele serviu? Na Marinha?

— Isso mesmo.

— Foi o que pensei. São bem menos tolerantes do que o Exército e a Aeronáutica. Há quanto tempo está casada? Está muito apaixonada por ele?

— O senhor não quer subir para ver o quarto?

— Sim, claro que esta pergunta foi impertinente. Mas gostaria mesmo de saber. Sabe, acho interessante conhecer tudo sobre as pessoas, não acha? O que sentem e pensam, e não só o que são e o que fazem.

— Suponho — disse Molly, recatada — que é o Sr. Wren, não? O jovem parou, segurou os cabelos com ambas as mãos e os puxou.

— Mas que horror! Nunca começo pelo princípio. Sim, sou Christopher Wren, mas não ria. Meus pais eram muito românticos. Tinham esperanças de que eu fosse arquiteto. Então pensaram que seria uma idéia esplêndida batizar-me Christopher — meio caminho andado.

— E o senhor é arquiteto? — perguntou Molly, incapaz de reprimir um sorriso.

— Sim, sou — disse o Sr. Wren, triunfante. — Pelo menos, quase. Ainda não me formei. Mas é realmente um exemplo notável de racionalização de desejo, produzindo resultados imediatos. Veja bem, realmente o nome será um empecilho. Nunca serei o Christopher Wren. Mas os Ninhos Pré-fabricados de Chris Wren podem alcançar a fama.

Giles desceu novamente as escadas e Molly disse: — Vou-lhe mostrar o quarto agora, Sr. Wren.

Quando ela voltou, poucos minutos depois, Giles disse:

— Bem, ele gostou da bonita mobília de carvalho?

— Ele estava louco por uma cama de quatro colunas, e, por isso, lhe dei o quarto rosa.

Giles grunhiu e resmungou qualquer coisa que terminou com: cara ridículo.

— Agora, escute aqui, Giles — Molly assumiu uma postura séria. — Isto aqui não é uma festa onde entretemos os convidados. Isto é comércio. E

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

